

CADERNO DE ARTE E CULTURA

O ser social por si só está sempre atrelado a um sujeito e em associação direta aos teores de subjetividade, esses apresentam elementos que estão muito ligados à Cultura e aos meios de tradição já engendrados na sociedade. Desse modo, todo esse contexto pode ser exemplificado e melhor compreendido por meio do artifício da Arte. Seguindo esse enlevo, a abordagem de Políticas de Saúde vinculados diretamente à população, juntamente de estudos científicos e seus efeitos descritos em literatura, podem ser ressignificados em maior valor de acervo cultural ou de visibilidade da produção artística, seja no panorama da diversidade e criadores ou dos próprios usuários do sistema de saúde mental.

O caminho da saúde mental trilhado até a atualidade pode ser interpretado por alcançar uma boa perspectiva em teores de bem-estar social populacional, associado ao maior acesso dessas políticas a uma parcela maior da sociedade. Dessa maneira, enxergar essa melhora é deparar-se com contextos de elaboração, expressão ou aspectos abstratos de criatividade que podem ser manifestados de modo reprimido ou autenticamente explícito — reverberando na ação criadora algo profícuo; como fonte de inspiração para um melhor sistema de saúde e um maior crescimento de um teor humanitário e eficaz. Levando esse contexto para algo mais histórico, temos como exemplo as arraigadas correntes antidemocráticas, desigualdades sociais e movimentos do Contra Reforma Psiquiátrica que influenciam diretamente no cenário canarinho.

Seguindo teorias históricas que revelam trajetórias que unem arte e loucura ou, na verdade, estranheza do “novo”, pois essas se cruzam muitas vezes durante diversos períodos passados e muitas vezes não eram aceitos ou compreendidos com clareza, e sofriam represálias ou censuras por não fazerem parte da monotonia e rigidez mecanizada dependendo da época que tal mudança artística nascia. Nos anos iniciais de 1900 houve o surgimento das vanguardas europeias, que trouxeram consequências diretas ao meio artístico brasileiro, que foi fortemente influenciado. Assim, no ano de 1917 tivemos o marco da exposição modernista de maior impacto até hoje na arte brasileira — com conteúdos modernistas — e entre os autores Anita Malfatti, Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Manuel Bandeira e entre outros — regados todos esses por cargas de conteúdo

subjetivo, de livre interpretação, que saíam da caixa ou prisão cultural categorizada como “arte superficial”.

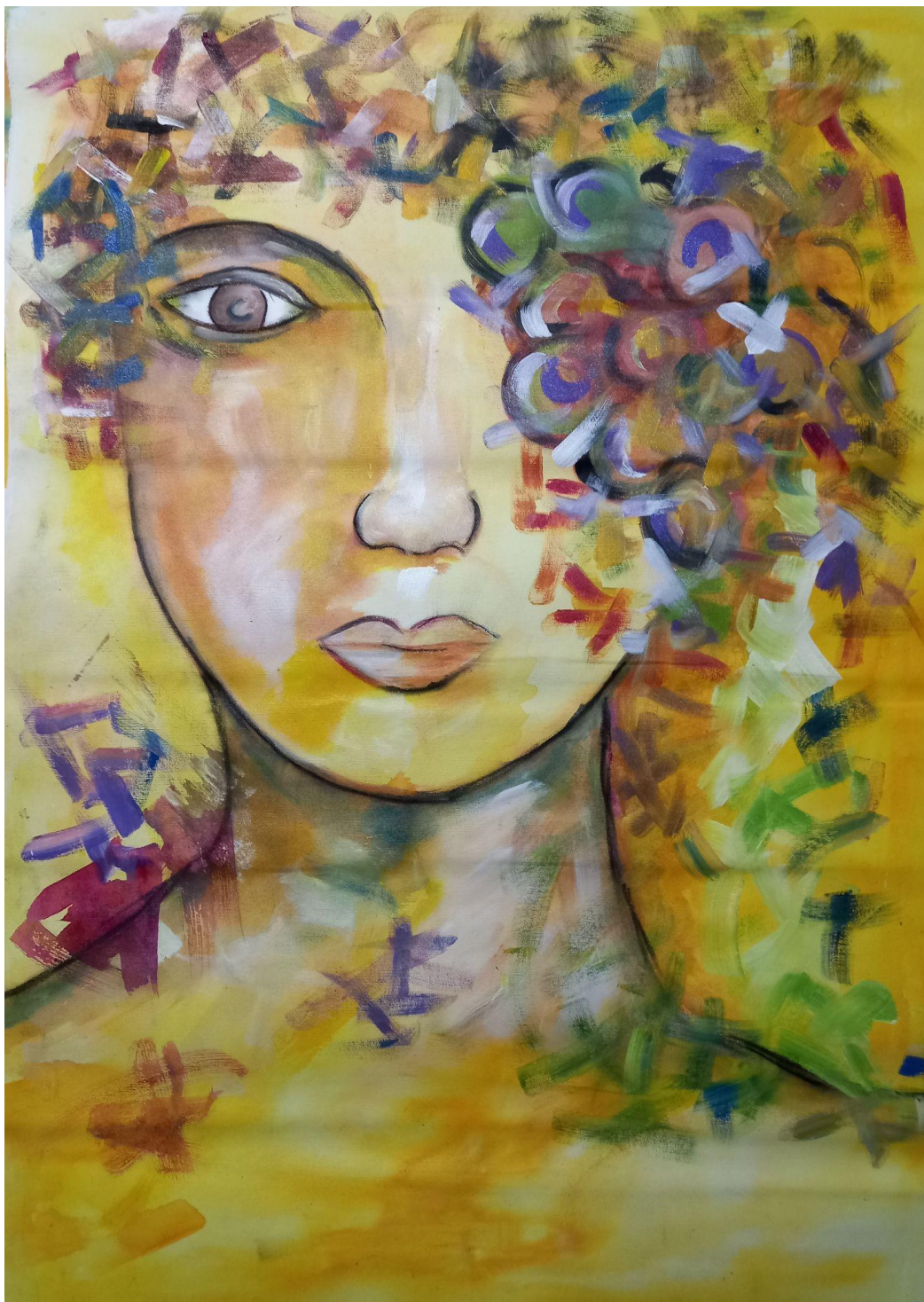
A arte das vanguardas pode ser exemplificada em aspectos de legitimação ou de vias não normalizadas. Em consonância a isso, o cubismo e impressionismo, ambos trouxeram essas artísticas visões culturais que foram muito julgadas pela sociedade, pois subvertiam ideários de “arte pura” ou “isso não é arte”, demonstrando que nesse período a compreensão do artístico e da livre interpretação não era valorizada com veemência e sim visto com desconfiança e até desprezo por parte da cúpula social.

Buscamos neste caderno, uma união política relevante, em aspectos culturais, artísticos e que englobam a saúde mental. Então, caro leitor, nas próximas páginas de número de Cadernos Brasileiros de Saúde Mental conhecerás as obras criadas por diferentes pessoas, que tiveram o incentivo ao fazer artístico, dentre os motivos, por terapia, oficinas, lazer ou aspectos profissionais. Fique então agora com essa linda exposição de obras de mais essa edição, com textos sobre as obras e os autores/as, todo esse material fornecido por eles/elas mesmos.

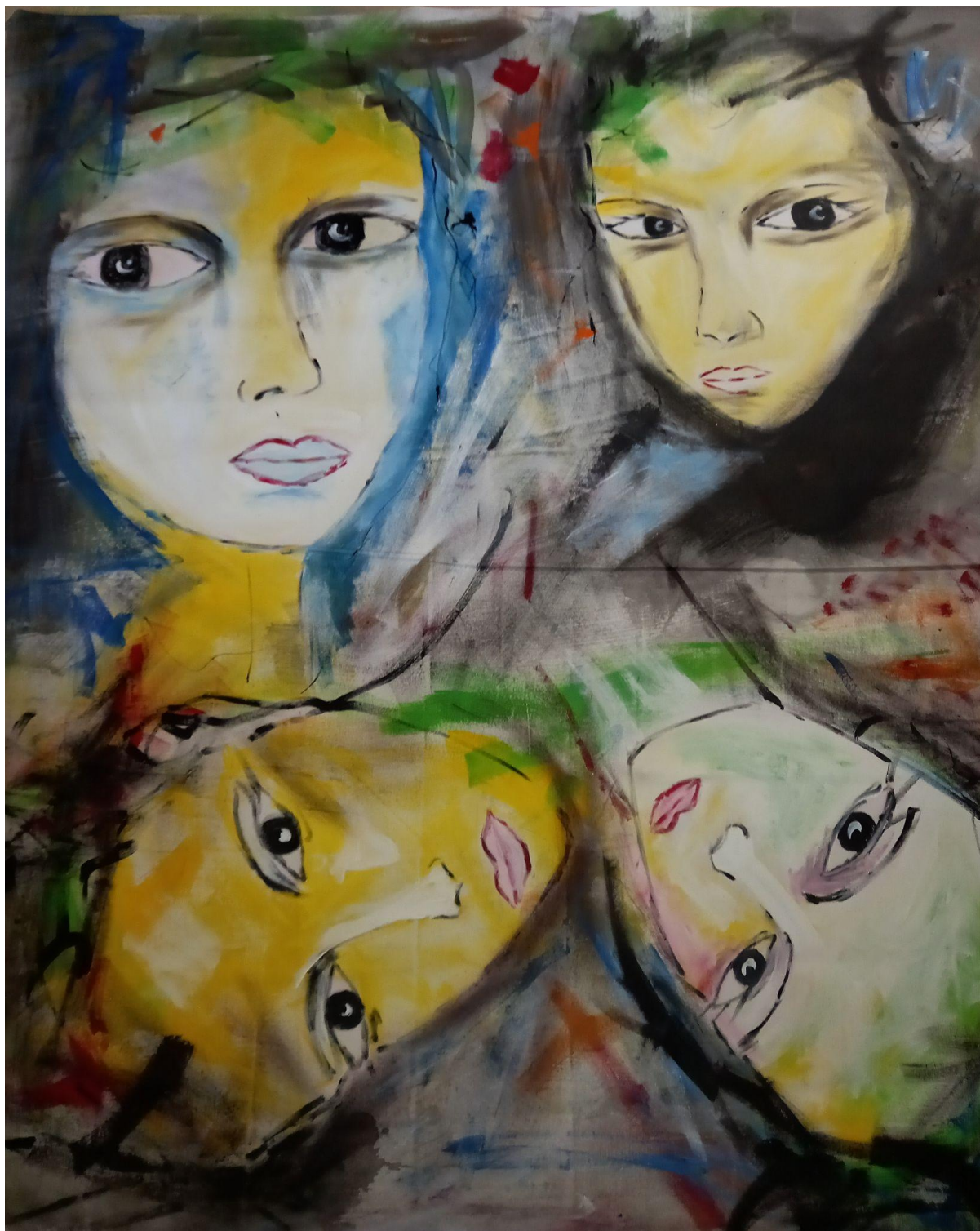
Nara Barbosa

Usuária do CAPS II Ponta do Coral. Florianópolis, SC.

“A arte é a manifestação do meu inconsciente, onde as palavras não alcançam, minha arte é a voz que muitas vezes somos oprimidos por um sistema e um diagnóstico que somos incapazes... E podemos, sim, produzir, fazer arte, artesanato, música, teatro etc”.







Luci Afonso

Lugar de Encontro. Brasília, DF

“As crônicas que estou enviando são de diferentes épocas, mas tratam basicamente do mesmo assunto: a luta do ser humano pela vida e a superação do adoecimento físico e mental por meio da luta e do amor...

Em 1990, aos 30 anos, vivi um episódio de depressão maior que me levou a me desfazer de tudo — casa, carro, móveis, roupas, livros, documentos, diplomas, etc. — que eu tinha adquirido com muito esforço e muito trabalho. Saí viajando pelo Brasil, sem rumo certo, parando em diversas cidades em que ia deixando as minhas coisas, até ficar sem dinheiro nenhum e ter de voltar para a casa da família. Minha recuperação se deu principalmente graças ao amor de uma criança, o meu sobrinho Leonardo, então com três anos. É dele que falo, na crônica Celebração.

Transformei minhas experiências em textos cheios de ternura e esperança, em que pessoas adoecidas ou não encontram um meio de aliviar o sofrimento por que passam.”

Celebração

Você diz que não quer mais viver. Vamos nos sentar ali naquele banco enquanto nos aquecemos ao sol morno da manhã. Observe o dia que começa. Os bebês se deslumbram com a visão do céu, os velhinhos perambulam iguais, os cachorros cheiram o mundo. O homem que passa encolhido de frio mora longe. A mulher deixará o filho na creche enquanto cuida da casa alheia.

Segure um raio de sol na palma da mão. Agarre outro e mais outro. Preste atenção ao silêncio das árvores: elas saboreiam o orvalho e a visita dos pássaros. Ao meio-dia, darão sombra generosa a quem precisar.

Vou lhe contar uma estória. Era uma vez uma mulher que foi entristecendo até achar que não queria mais viver. Desfez-se de tudo o que possuía, despediu-se de cada amigo e saiu vagando. Jogou fora documentos para esquecer quem era. Lançou ao mar os pertences mais valiosos para que alguém os recolhesse numa praia distante. Desafiou a morte, ela não veio.

Quase sem forças, voltou à casa materna para convalescer em lençóis bordados e macios. Um dia acordou com um toque suave no rosto: era o sobrinho que ela conhecera bebê, que agora completava dois anos e que dali em diante viria sempre despertá-la. O menino a chamava de “Gui”, o som mais doce que ela ouvira até então. Ansiava por ele ao acordar e o guardava na memória antes de adormecer.

Gui e o sobrinho passavam o dia juntos. À tarde sentavam-se no quintal, onde ele desenhava e corria pela grama no corpo de arco-íris. Um dia caiu do balanço e quebrou a perna; a tia ficou ao seu lado. Outra vez, foi deixado sozinho na piscina e já se afogava quando ela o resgatou. Assim, foram se protegendo e se amando, enquanto ela se recuperava e ele crescia.

Você diz que não quer mais viver. Vou lhe mostrar meus bens mais preciosos, que guardo envoltos num xale de cetim. Veja este desenho: é a obra-prima de um pequeno artista que fez meu retrato e o chamou de “Fada”. Estes presentes de papel, você me deu no meu aniversário. Estas declarações de amor em letra miúda, quando aprendeu a escrever. Lembra-se desses corações e sóis recortados? Olhe estas fotos. Repare na alegria do menino que me fez desejar o filho que hoje tenho.

Há muitos anos, renasci pelas mãos de uma criança que hoje diz não querer mais viver. Acredite: você ama profundamente a vida — sou fiel depositária desse amor. Dê-me de novo a mão. Juntos mergulharemos na noite escura e nela reencontraremos nosso diamante puríssimo.

O que vamos fazer hoje?

Era a primeira sessão com a nova psicóloga. Cheguei muito atrasada e me perdi no edifício antigo e mal sinalizado. Santo WhatsApp! Passados alguns minutos, ela mandou mensagem, dizendo que me encontraria em determinado lugar, e para lá fui. Encontrei uma menininha magrinha, de vestidinho de seda florido e de escarpinzinho, que me deu um sorriso puro de criança e me guiou até o consultório, que descobri ser dela mesma. Assim conheci Sara Letícia, que escolhi de uma lista de terapeutas por achar o nome bonito e sonoro. Quando o vi, pensei: Um dia ela vai ser minha personagem!

Mas eu é que fui personagem de Sara Letícia. Personagem na minha própria história, que ela me ajudou a reescrever daquele momento em diante. Sara me levou a profundezas e alturas inimagináveis da minha alma, das quais eu regressava exausta, mas feliz. Começava ali o convívio com uma multidão de afetos que eu pensava não existirem. Foi ela que me apresentou ao Lugar de Encontro, espaço terapêutico criado por quatro jovens sonhadoras e idealistas. Eu não sabia que ele mudaria para sempre minha vida e a de todos os que entravam em contato com o grupo.

No Lugar de Encontro tem muito afeto, oxigênio de todo ser vivo — sem ele, não há como perpetuar a vida. E nós nascemos para que a vida não morra. O afeto acontece no encontro no íntimo do ser, quando ele se lança à aventura do outro. Encontro e afeto são inseparáveis, como duas árvores que nasceram do mesmo tronco.

O Lugar de Encontro reúne uma legião de jovens bonitas e extremamente carinhosas — há rapazes também. Fui contemplada com uma dupla que me acompanhou em meus problemas e dificuldades. Uma delas ainda me acompanha. Eu me encontrei, encontrei o outro, encontrei a vida. Ter ao meu lado pessoas amorosas, alegres e positivas me levou a reconhecer essas qualidades dentro de mim. Passei a me conhecer melhor graças às palavras de incentivo dessas jovens, e me descobri merecedora de tudo o que existe de maravilhoso — eu não sabia disso.

Minha AT é uma psicomágica: ela chega, sorri e diz:

— Oooiiê! O que vamos fazer hoje? — e as portas de infinitas possibilidades se abrem. Nós, acompanhados, finalmente percebemos que basta o afeto do encontro ou o encontro do afeto para ser feliz. E afeto tem de sobra no Lugar de Encontro.

Então, o que vamos fazer hoje?

Parabéns pra você

Querida,

O bolo estava na geladeira, junto com os refrigerantes. As velinhas e a caixa de fósforos, na primeira gaveta do armário da cozinha. O forro bordado para a mesa estava na cristaleira. Duzentos balões amarelos enfeitavam a sala e o jardim. Os fogos de artifício estavam prontos e eram iguais aos que vimos na praia no réveillon.

Meu amor,

Pendurei seu vestido na parte direita do guarda-roupa, junto com as sandálias novas e as joias que sua avó te deixou. Espalhei margaridas pelo quarto, para que você acordasse num mundo branco e perfumado. Arrumei sua coleção de ursinhos e bonecas na estante.

Seu pai tinha uma surpresa escondida na garagem. O Léo ligou bem cedo para ser o primeiro a te dar os parabéns — o presente dele era uma lembrança do primeiro beijo. A viagem à Disney, eu tinha acertado com a mãe da Carol para as férias de julho.

Filhinha,

Estava tudo pronto para a festa, mas você não despertou na manhã de sol morno e vento suave. O bolo ficará esquecido na geladeira e as velinhas não serão acesas. O vestido perderá a cor. As bonecas e ursinhos não sorrirão mais.

Meu anjo,

Plantamos as margaridas ao seu lado, guardamos os fogos e soltamos os balões para que te acompanhassem entre as nuvens. Com os olhos secos e as mãos vazias, esperamos que você renasça noutra manhã inundada de luz.

Setembro amarelo

Olhe para mim. Sou o ipê-amarelo. Renasço todo ano no mês de setembro. As pessoas aguardam minha chegada para aliviar a saudade da chuva e outras dores da alma. Quanto mais forte a seca, mais belas são minhas flores. Minhas raízes se agarram ao solo, esperando o momento de brotar. A terra não me dá o alimento de que preciso, e o sol queima meu tronco ressequido, quase matando a seiva que

sobrevive em mim. Mas não posso morrer. Trago esperança aos homens. Na minha beleza, eles reencontram a razão de viver. Na minha força, redescobrem a sua força. Na minha luta pela vida, retomam a sua luta pela vida.

Primeiro, nascem as folhas. Depois, rebento em botões que daí a pouco se transformarão em flores. Cada flor é mensageira da esperança, assim como todo dia é a vitória sobre a morte. Quero viver para apaziguar o coração dos homens, para inundá-lo de beleza. Quero saciar a nossa fome de vida.

Olhe para mim. Sou o ipê-amarelo, renascido apesar da seca e do sol inclementes. Minha seiva também percorre as veias humanas. Estou em harmonia com o universo. O sol se reflete nas minhas flores. O vento passeia entre elas. Os pássaros descansam em minha sombra.

Você é como eu: renasce, a cada dia, da mais profunda escuridão. Aproxime-se de mim, me dê um abraço. Levante suas mãos em direção ao céu. Receba no corpo inteiro a bênção do sol. Fique comigo para juntos celebrarmos a vida em todo o esplendor.

Setembro Amarelo: vamos juntos celebrar a vida.

Menininha

Mil passos até a Igreja Matriz, onde foi batizada e recebeu a primeira comunhão. No sábado à tarde, sempre encontrava a porta fechada quando ia se confessar. No domingo de manhã, vestido bordado, meias três-quartos e sapatos de verniz, ajoelhava-se sob o olhar indecifrável dos anjos, temerosa de haver cometido algum pecado.

Quinhentos passos até o grupo escolar, onde Dona Lourdes, a faxineira, a consolava quando as outras meninas não a deixavam entrar na roda. No dia da padroeira, era escolhida entre todas as alunas para coroar Nossa Senhora Aparecida e, de roupa branca, subia trêmula e solene os degraus até a estátua de manto azul.

Duzentos passos até a lojinha da Boa Vista, onde uma vez cobiçou um diadema cor-de-rosa na vitrine. Voltava toda semana para comprá-lo, mas já fora vendido e outro estava para chegar. Depois de algum tempo, teve a certeza de que jamais conseguiria o que desejasse — melhor não querer.

Cem passos até a Rua São Vicente, onde brincava em bandos, alheia, por um breve momento, às despedidas que já se anunciavam. O asfalto cobriu os pequenos rastros e os carros abafaram os gritos do pique-pegas ou da caça ao tesouro.

Cinquenta passos até o alpendre de casa, onde era criticada com veemência por gigantes enfurecidos. Imaginou se vingar desistindo de tudo o que pudesse lhe trazer alegria, punindo-se em dobro a cada ato de desamor.

Um passo até o espelho, onde aguardei a vida inteira para aconchegá-la em meus braços. Ela se aproxima no vestido bordado, meias três-quartos, sapatos de verniz e descansa no meu colo, certa de não haver cometido nenhum pecado.

Danilo do Brasil De figueiredo

Lugar de Encontro. Brasília, DF

“Essa é uma parte dos desenhos que eu fiz ao longo de bastante tempo. Antigamente eu desenhava com muita frequência, mas infelizmente hoje em dia acaba demorando muito mais para eu fazer meus desenhos. Eu comecei a desenhar espontaneamente no ano de 1992 mesmo sem ter formação nenhuma em artes, mas era algo que eu achava prazeroso e que eu gostava do resultado, então eu continuei a desenhar durante esses anos. Por muito tempo meus desenhos eram em preto e branco, mas já tem um tempo que eu passei a fazê-los a cores. Como eu não tinha tido contato nenhum com o mundo das artes eu nunca pensei que de repente eu poderia expor, ou vender os meus desenhos, descobri recentemente que eu poderia fazer. Quando eu era criança e adolescente, eu gostava muito das ciências exatas e a inteligência, mas ao longo da minha vida eu fui mudando, dando mais valor e apreciando mais as artes, a música e artes cênicas, algo que também aconteceu espontaneamente. Além de desenhar eu publiquei um livro infantil no ano de 2018 e tenho vontade de, com o tempo, voltar a escrever e publicar mais livros voltados para o público adulto, de ficção.”

